

Historia de um Médium

As observações interessantes sobre a doutrina dos Espíritos sucediam-se umas ás outras, quando um amigo nosso, velho lidador do Espiritismo, no Rio de Janeiro, acentuou, gravemente:

— “Em Espiritismo, uma das questões mais sérias é o problema do medium...”.

— “Sob que prisma?” — indagou um dos circunstantes.

— “Quanto ao da necessidade de sua própria edificação para vencer o meio”.

— “Para esclarecer a minha observação, — continuou o nosso amigo — contar-lhe-ei a história de um companheiro dedicado, que desincarnou, ha poucos anos, sob os efeitos de uma obsessão terrible e dolorosa”.

Todo o grupo, lembrando os habitos antigos, como se ainda estacionassemos num ambiente terrestre, aguçou os ouvidos, colocando-se á escuta:

— "Azarias Pacheco, — começou o narrador — era um operário despreocupado e humilde do meu bairro, quando as forças do Alto chamaram o seu coração ao sacerdócio mediúnico. Moço e inteligente, trabalhava na administração dos serviços de uma oficina de concertos, ganhando, honradamente, a remuneração mensal de quatrocentos mil réis.

Em vista do seu espírito de compreensão geral da vida, o Espiritismo e a mediunidade lhe abriram um novo campo de estudos, a cujas atividades se entregou sob uma fascinação crescente e singular.

Azarias dedicou-se amorosamente á sua tarefa, e, nas horas de folga, atendia aos seus deveres mediúnicos com irrepreensível dedicação. Elevarados mentores do Alto forneciam lições proveitosas, através de suas mãos. Medicos desincarnados atendiam, por élle, a volumoso receituário.

E não tardou que o seu nome fosse objeto de geral admiração.

Algumas notas de imprensa evidenciaram ainda mais os seus valores medianímicos e, em pouco tempo, a sua residencia humilde povoava-se de caçadores de anotações e de mensagens. Muitos deles diziam-se espíritas confessos, outros eram crentes de meia-convicção ou curiosos do campo doutrinário.

O rapaz, que guardava sob a sua responsabilidade pessoal numerosas obrigações de familia,

começou a sacrificar primeiramente os seus deveres de ordem sentimental, subtraindo á esposa e aos filhinhos as horas que habitualmente lhes consagrava, na intimidade doméstica.

Quasi sempre cercado de companheiros, restavam-lhe apenas as horas dedicadas á conquista de seu pão quotidiano, com vistas aos que o seguiam carinhosamente pelos caminhos da vida.

Havia muito tempo perdurava semelhante situação, em face de sua preciosa resistência espiritual, no cumprimento de seus deveres.

Dentro de sua relativa educação medianímica, Azarias encontrava facilidade para identificar a palavra de seu guia sábio e incansável, sempre a lhe advertir quanto á necessidade de oração e de vigilância.

Acontece, porém, que cada triunfo multiplicava as suas preocupações e os seus trabalhos.

Os seus admiradores não queriam saber das circunstâncias especiais de sua vida.

Grande parte exigia as suas vigílias pela noite dentro, em longas narrativas dispensáveis. Outros alegavam os seus direitos ás exclusivas atenções do medium. Alguns acusavam-no de preferencias injustas, manifestando o gracioso egoísmo de sua amizade, expressando o ciúme que lhes ia n'alma, em palavras carinhosas e alegres. Os grupos doutrinários disputavam-no.

Azarias verificou que a sua existência tomava um rumo diverso, mas os testemunhos de tan-

tos afetos lhe eram sumamente agradaveis ao coração.

Sua fama corria sempre. Cada dia era portador de novas relações e novos conhecimentos.

Os centros importantes começaram a reclamar a sua presença e, de vez em quando, surpreendiam-no as oportunidades das viagens pelos caminhos de ferro, em face da generosidade dos amigos, com grandes reuniões de homenagens, no ponto de destino.

A cada instante, um admirador o assaltava:

- "Azarias, onde trabalha você?..."
- "Numa oficina de concertos".
- "O! O!... e quanto ganha por mês?".
- "Quatrocentos mil réis".

— "O! mas isso é um absurdo... Você não é criatura para um salário como esse! Isso é uma miséria!...".

Em seguida outros ajuntavam:

— "O Azarias não pôde ficar nessa situação. Precisamos arranjar-lhe coisa melhor no centro da cidade, com uma remuneração á altura de seus méritos ou, então, poderemos tentar-lhe uma colocação no serviço público, onde encontrará mais possibilidades de tempo para dedicar-se á missão...".

O pobre medium, todavia, dentro de sua capacidade de resistencia, respondia:

— "Ora, meus amigos, tudo está bem. Cada qual tem na vida o que mereceu da Providência

Divina e, além de tudo, precisamos considerar que o Espiritismo tem de ser propagado, antes do mais, pelos Espíritos e não pelos homens!...".

Azarias, contudo, se era medium, não deixava de ser humano.

Requisitado pelas exigências dos companheiros, já nem pensava no lar e começava a assinalar na sua ficha de serviços faltas numerosas.

A princípio, algumas raras dedicações começaram a defendê-lo na oficina, considerando que, aos olhos dos chefes, suas falhas eram sempre mais graves que as dos outros colegas, em virtude do renome que o cercava; mas, um dia, foi ele chamado ao gabinete de seu diretor que o despediu nestes termos:

— "Azarias, infelizmente não me é possível conservá-lo aqui, por mais tempo. Suas faltas no trabalho atingiram o máximo e a administração central resolveu eliminá-lo do quadro de nossos companheiros".

O interpelado saiu com certo desapontamento, mas lembrou-se das numerosas promessas dos amigos.

Naquele mesmo dia, buscou providenciar para uma nova colocação, mas, em cada tentativa, encontrava sempre um dos seus admiradores e conhecidos que obtemperava:

— "Ora Azarias, você precisa ter mais calma!... Lembre-se de que a sua mediunidade é um patrimônio de nossa doutrina... Socega, ho-

mem de Deus!... Volte á casa e nós todos sabemos ajudá-lo neste transe".

Na mesma data, ficou assentado que os amigos do medium se cotisariam, entre si, de modo que êle viesse a perceber uma contribuição mensal de seiscentos mil réis, ficando, desse modo, habilitado a viver tão sómente para a doutrina.

Azarias, sob a inspiração de seus mentores espirituais, vacilava, ante a medida, mas á frente de sua imaginação estavam os quadros do desemprego e das imperiosas necessidades da família.

Embora a sua relutância íntima, aceitou o alvitre.

Desde então, a sua casa foi o ponto de uma romaria interminável e sem precedentes. Dia e noite, seus consultentes estacionavam á porta. O medium buscava atender a todos como lhe era possível. As suas dificuldades, todavia, eram as mais prementes.

Ao cabo de seis meses, todos os seus amigos haviam esquecido o sistema das cotas mensais.

Desorientado e desvalido, Azarias recebeu os primeiros dez mil réis que uma senhora lhe ofereceu após o receituário. No seu coração, houve um toque de alarme, mas o seu organismo estava enfraquecido. A esposa e os filhos estavam repletos de necessidades.

Era tarde para procurar, novamente, a fonte do trabalho. Sua residência era objeto de uma perseguição tenaz e implacável. E êle continuou

recebendo.

Os mais sérios disturbios psíquicos o assaltaram.

Penosos desequilíbrios íntimos lhe inquietavam o coração, mas o medium sentia-se obrigado a aceitar as injunções de quantos o procuravam levianamente.

Espíritos enganadores aproveitaram-se de suas vacilações e encheram-lhe o campo mediúnico de aberrações e descontrôles.

Si as suas ações eram agora remuneradas e se delas dependia o pão do seu, Azarias se sentia na obrigação de prometer alguma coisa, quando os Espíritos não o fizessem. Procurado para a felicidade no dinheiro, ou exito dos negócios ou nas atrações do amor do mundo, o medium prometia sempre as melhores realizações, em troca dos miserios mil réis da consulta.

Entregue a esse gênero de especulações, não mais pôde receber o pensamento dos seus protetores espirituais mais dedicados.

Experimentando toda a sorte de sofrimentos e de humilhações, se chegava a queixar-se, de leve, havia sempre um cliente que lhe observava:

— "Que é isso, "seu" Azarias?... O senhor não é medium? Um medium não sofre essas coisas!..."

Se alegava cansaço, outro objetava, de pronto, ansioso pela satisfação de seus caprichos:

— “E a sua missão, “seu” Azarias?... Não se esqueça da caridade!...”.

E o medium, na sua profunda fadiga espiritual, concentrava-se, em vão, experimentando uma sensação de angustioso abandono, por parte dos seus mentores dos planos elevados.

Os mesmos amigos da véspera, piscavam, então, os olhos, falando, em voz baixa, após as despedidas:

— “Você já notou que o Azarias perdeu de todo a mediunidade?...” — dizia um deles.

— “Ora, isso era esperado — redarguia-se — desde que ele abandonou o trabalho para viver á custa do Espiritismo, não podíamos aguardar outra coisa”.

— “Além disso — exclamava outro do grupo — todos os vizinhos comentam a sua indiferença para com a família, mas, de minha parte sempre vi no Azarias um grande obsidiado”.

— “O pobre do Azarias perverteu-se — falaia ainda um companheiro mais exaltado — e um medium nessas condições é um fracasso para a própria doutrina...”.

— “E’ por essa razão que o Espiritismo é tão incompreendido! — sentenciava ainda outro. Deveremos tudo isso aos máus mediumuns que envergonham os nossos princípios”.

Cada um foi esquecendo o medium, com a sua definição e a sua falta de caridade. A própria fa-

mília o abandonou á sua sorte, tão logo haviam cessado as remunerações.

Escarnecido em seus afetos mais caros, Azarias tornou-se um revoltado.

Essa circunstância foi a ultima porta para o livre ingresso das entidades perversas que se assenhorearam de sua vida.

O pobre naufrago da mediunidade perambulou na crônica dos noticiários, rodeado de observações ingratas e de escandalosos apontamentos, até que um leito de hospital lhe concedeu a benção da morte...”.

O narrador estava visivelmente emocionado, rememorando as suas antigas lembranças.

— “Então, quer dizer, meu amigo — observou um de nós — que a perseguição da polícia ou a perseguição do padre não são os maiores inimigos da mediunidade...”.

— “De modo algum — replicou êle, convicto. O padre e a polícia podem até ser os portadores de grandes bens”.

E, fixando em nós outros o seu olhar percutiente e calmo, rematou a sua história, sentenciando, gravemente:

— “O maior inimigo dos mediumuns está dentro de nossos próprios muros!...”.

(Recebida pelo medium Francisco Cândido Xavier, em 29 de Abril de 1939).